

FAF «fechou temporada» 2017 com dívida de 5 milhões de dólares

| P44



ANGOLA
Superbrands
- 2019 -
ELEITO PELOS CONSUMIDORES



DIRECTOR **CARLOS FERREIRA**
EDIÇÃO N.º 578 | 29 MARÇO DE 2019
LUANDA 700 KWANZAS

Governo dá 15 dias à Imogestin para apresentar relatório de gestão das centralidades | P30



JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

«João Lourenço tem de acabar primeiro de arrumar a casa»

Em entrevista exclusiva ao *NJ*, o escritor fala da realidade angolana, reafirmando que «não é função do Presidente João Lourenço prender quem quer que seja», porquanto, a acontecer, estar-se-ia «a voltar [ao tempo do Presidente José Eduardo dos Santos]» | P14



■ ADJALI PAULO

SOCIEDADE

CEMITÉRIO Mulemba transformado em «parque» de diversão | P25



DOSSIER



VIAGENS Com lugares vagos, TAAG deixa passageiros em terra | P26

ECONOMIA

BANCA Mais de 60% dos serviços financeiros dependem de consultores externos | P32

FECHO

EPAL «Braço-de-ferro» entre trabalhadores e empresa anuncia paralisação | P48

POLÍTICA

INCERTEZA Futuro do Podemos-JA dita destino de Abel Chivukuvuku | P08



JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

«Só tenho voz porque tenho livros. Eu tenho voz porque sou escritor»

José Eduardo Agualusa é hoje um dos escritores angolanos mais publicados, traduzidos e premiados no exterior do país. É provável mesmo que seja mais conhecido fora do que no interior do país onde nasceu. Em exclusivo ao *NJ*, Agualusa fala de Angola, de literatura e da forma como encara os tempos que atravessamos.

► **NOK NOGUEIRA** (textos)
► **ADJALI PAULO** (fotos)

O José Eduardo Agualusa vem a Angola no âmbito de um projecto promovido através de uma parceria entre o Goethe-Institut e pela Pés Descalços. Uma iniciativa cuja matriz é essencialmente africana, que é o Book Dash (Histórias Kambutas, na tradução livre para o contexto angolano)... Apesar de uma grande capacidade de penetração no mercado literário internacional, ainda assim encontra espaço para tomar parte neste tipo de iniciativas?

Evidentemente por ser em Angola, qualquer projecto que me tivessem proposto teria aceite. Pareceu-me uma proposta séria. O Kalaf Epalanga já tinha estado aqui em Luanda a convite do Goethe e fez um grande elogio desta nova responsável do instituto alemão aqui em Luanda. Então, não podia dizer que não.

Também era uma coisa que vinha ao encontro do que eu pretendia há muito tempo, poder vir a Luanda, e lançar um livro, etc.

Tem encontrado alguma dificuldade para regressar à terra angolana?

Para este tipo de coisas, sim, por mais incrível que pareça. Muitas vezes me perguntam, sempre que eu coloco no Facebook uma notícia de um lançamento não sei onde, no Brasil, em Portugal, há sempre angolanos que perguntam: e Angola, Luanda, Huambo? E tenho que explicar que não vou lançar lá o livro, porque não posso fazê-lo sozinho, tem que haver uma estrutura que faça isso. Uma editora que publica o livro ou uma entidade, uma instituição que traga uma edição de fora...

É sempre difícil um autor angolano,

como é o Agualusa vivendo na diáspora, fazer esse caminho de regresso à casa?

Difícil no sentido de encontrar uma editora é, porque a única editora que tive — tirando a União dos Escritores Angolanos, que também só me publicou dois títulos, *A Conjura* e um título de poesia, — é a Chá de Caxinde. Porque eu nunca tive uma outra editora aqui em Angola que se interessasse em publicar o livro cá. Acho um pouco estranho, porque até estou convencido que os livros poderiam

«Estou convencido que, se os livros fossem baratos, as pessoas

vender. Tenho leitores em Angola. Os meus livros circulam em edições estrangeiras. Não tenho uma explicação para isso.

O país como tal, a seu ver, padece de um certo desapego à leitura e aos livros?

Não. Acho que, sinceramente, até pela minha experiência e olhando um pouco para o passado — antigamente, no tempo do partido único, que tinha evidentemente imensas coisas negativas, mas algumas eram positivas, a gente devia ter ficado com essas coisas positivas que existiam, uma delas era o preço dos livros —, os livros eram muito baratos. Portanto, vendiam-se. O primeiro livro que publiquei em Angola, *A Conjura*, teve uma primeira edição de 15 mil exemplares. Mas eu lembro-me que o Pepetela fazia edições de 100 mil exem-



José Eduardo Agualusa está em Angola a convite do Goethe-Institut



plares. E vendiam. As pessoas compravam os livros e até liam. Porque eu me lembro de ver... uma vez fui fazer uma reportagem de guerra e vi soldados a ler. Eram pessoas muito humildes, com pouca preparação, mas estavam a ler. Eu estou convencido que se os livros fossem baratos, as pessoas comprariam os livros, e leriam mais. O problema é que a maior parte das pessoas não tem capacidade para comprar livros a este preço. O meu livro vai estar a 10 mil kwanzas. Foi o que me disseram. Eu acho ofensivo. Vou tentar ver com o meu editor a ver se ele consegue baixar o livro, porque não tem explicação.

Não estranha que, no tempo do partido único, tivesse existido uma política de fomento à leitura e do livro mais consentânea do que a que existe agora?

A verdade é que em todos os países do Bloco Socialista essa era uma prática. Ainda hoje, se você for a Cuba, vai encontrar pessoas com bibliotecas. Pessoas sem grandes posses — ali também ninguém tem muito dinheiro — mas com boas bibliotecas. E noutros países do antigo bloco socialista você vê isso. Pessoas que conseguiram criar grandes bibliotecas porque os livros eram muito baratos.

E o que foi que tornou Angola diferente destes países?

A única coisa é que entrámos para o sistema capitalista e não fomos capazes de preservar alguns elementos que o regime do partido único tinha, que eram altamente benéficos para o conjunto da sociedade. Um deles era o apoio ao livro. Há países não socialistas, mas que praticam isso! Mesmo o Brasil — antes des-

te desvario, desta loucura, no tempo do Lula e depois ainda no tempo da Dilma, na primeira etapa, vamos dizer assim — tinha uma política de aquisição de livros, o Brasil, o Estado brasileiro chegou a ser o maior comprador de livros depois da China. Não vamos contar com a China porque a China é outro universo à parte. São milhões e milhões de pessoas. Mas o governo brasileiro comprava muitos livros para instalar bibliotecas escolares, bibliotecas em lugares menos acessíveis e em comunidades mais carentes. Esta é uma política séria de desenvolvimento, porque não acredito que um país se possa desenvolver sem leitura.

Não será que esta prática não transita do regime monopartidário para o multipartidarismo, na medida em que se estaria a colocar

Frases



«Lembro-me que o Pepetela fazia edições de 100 mil exemplares e vendiam. As pessoas compravam os livros e até liam»

«O governo brasileiro comprava muitos livros para instalar bibliotecas escolares em lugares menos acessíveis e em comunidades mais carentes. Esta é uma política séria de desenvolvimento, porque não acredito que um país se possa desenvolver sem leitura»

«Estudei num colégio no Huambo, o Ateniense, da Zaida Dáskalos... A gente naqueles anos de 1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a classes estudava já poetas angolanos. Os poetas antigos»

«Foi sempre um tiro às escuras, sim. Mas estamos a tempo. Ainda há tempo... Angola pode inclusive dar um salto logo para o séc. XXI»

Acho simplesmente que não se pensou nisso. Fizemos esta transição sem grande reflexão. Da mesma forma que também se fez o contrário: quando se foi para o regime socialista também não se pensou nisso e, porque, logo a seguir, foi o descalabro, porque todo o tecido empresarial, etc., desapareceu. Infelizmente, fizemos ambas as opções sem reflexão, sem parar para pensar.

Foi sempre um tiro às escuras, sim. Mas estamos a tempo. Ainda há tempo. O Estado angolano deveria estar a começar a apoiar, sobretudo, a criação de redes de bibliotecas públicas. E, hoje em dia, Angola pode inclusive dar um salto logo para o século XXI. Não temos que estar a passar... por exemplo... porque eu sei... instalar uma biblioteca tradicional com livros, em papel, é difícil e custa muito caro. Mas você pode ter hoje bibliotecas com livros electrónicos, com *e-book*, não é... Você imagina uma pequena biblioteca, numa pequena comunidade, com cinco, seis, dez livros electrónicos, cada um destes livros electrónicos, na realidade, é ele próprio uma biblioteca, porque pode conter cinco mil, dez mil livros. Então, você tem aí dez livros electrónicos e esses dez livros cada um deles é uma verdadeira biblioteca. E depois teria de ter alguém para zelar por isso, um bibliotecário, para orientar as pessoas e zelar, mas não é tão difícil nem é tão caro instalar bibliotecas públicas no país com esse tipo de funcionalidades, de modelo.

A sério? Isto é incrível...

Eu estudei num colégio no Huambo, o Colégio Ateniense, da Zaida Dáskalos, que era uma senhora de esquerda, angolana, nacionalista feroz, e, na época colonial, não estudei poetas portugueses. A gente naqueles anos de 1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a classes estudava já poetas angolanos. Os poetas antigos.

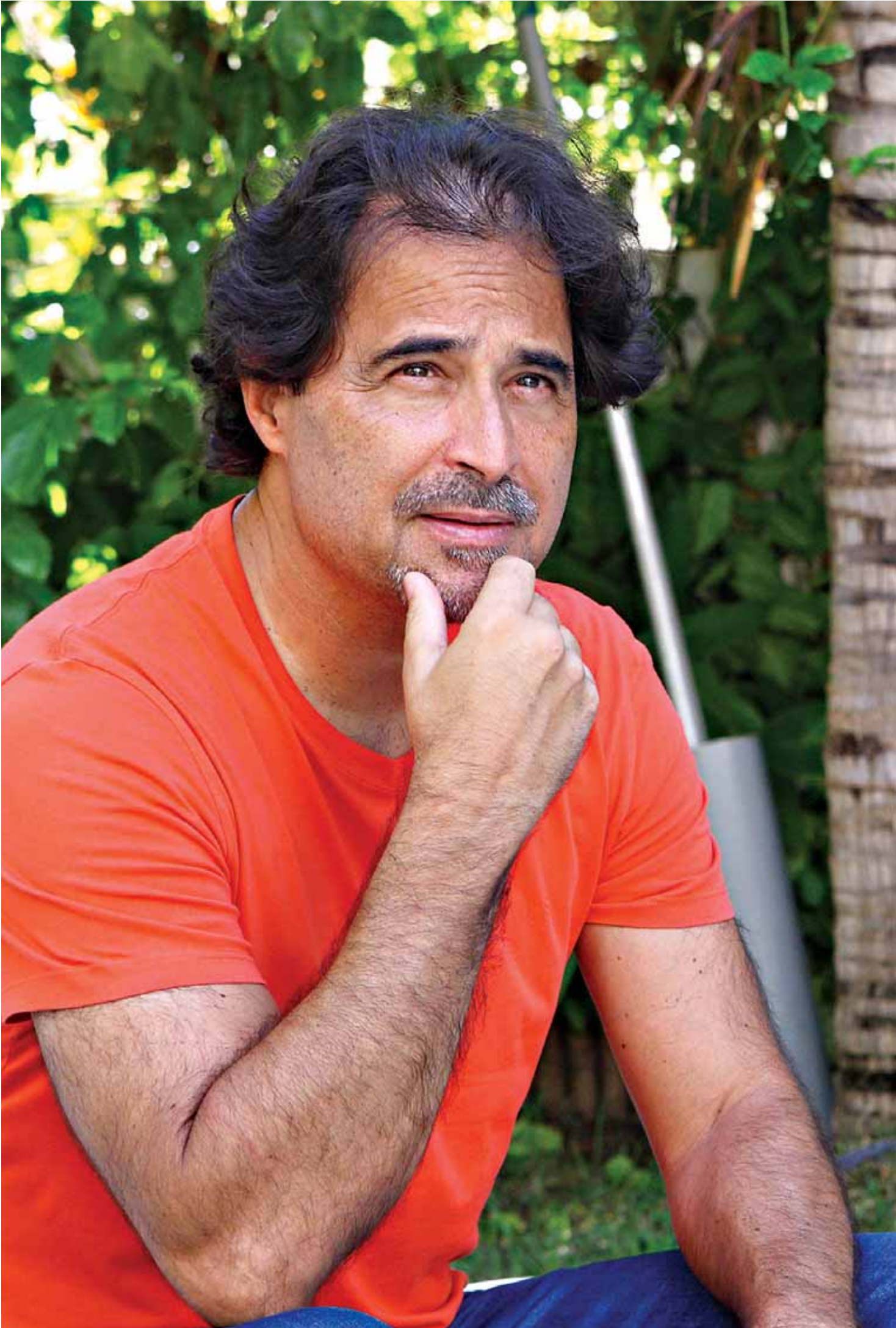
Isto não representará até certo ponto a institucionalização de um problema que legará toda uma geração ao obscurantismo?

Claro, obviamente. Isto é incompreensível. Não é fácil de compreender o porquê. Não sabia e fico chocado.

Presidente JES desapareceu»

Claro [que incomoda]. Acho que a democracia, para ser completa e plena, as pessoas de cada região, todas elas, têm que ter os mesmos direitos de escolher as suas... e o mais importante, o poder local, no limite, importa pouco ao partido, interessa muito mais às pessoas. Quem está naquela comunidade não vai votar muito no partido, vai votar naquela pessoa que ela

Como disse antes, acho que, infelizmente, a oposição está desarticulada,



José Eduardo Agualusa em exclusivo ao Novo Jornal

está confusa.

Não há aqui duas realidades distintas, olhando para o quadro de uma maneira geral? Diz que há um processo de democratização no país...
E há...

... Em que o MPLA tem a sua quota-parte de responsabilidade e

mencionou o facto de não haver ainda um sinal em relação à despartidarização do aparelho do Estado. E depois há a questão da desarticulação da oposição, como disse. A questão é se são estas duas realidades que conformam o país político?

Se nós tivéssemos uma oposição forte, ela poderia forçar uma democratização mais rápida do país.

E como é que se consegue estruturar uma oposição forte num contexto político como o angolano?

Não sei... Acho que muitas vezes também parte das pessoas. Acho até que temos, isoladamente, no MPLA e na UNITA, pessoas com competências, mas, por uma razão ou outra, ou não estão nas posições que deviam estar ou estão aliadas. Há coisas que eu não

«Os inimigos não estão fora, estão dentro. É muito mais fácil se estiverem fora»

consigo explicar. Sinceramente.

Mas acredita numa oposição forte num Estado partidarizado?

Acredito que, sim, que eventualmente em contextos difíceis podem surgir oposições fortes. Claro que isso inevitavelmente tem sempre a ver com a história do país. Se nós pensarmos na África do Sul no tempo do *apartheid*, a sociedade civil sul-africana era uma sofisticada, muito crítica, muito combativa e com sindicatos fortes, etc. Portanto, havia ali uma oposição que se foi organizando contra o *apartheid* que era muito sofisticada. O Nelson Mandela — mas também provavelmente sem o Nelson Mandela não teria sido possível — era a ponta mais visível do *iceberg*. Quer dizer, ele estava sustentado por toda uma tradição de combate democrático. Agora, também é verdade que, sem o Nelson Mandela, as coisas podiam não ter corrido tão bem. Talvez nos falte a nós uma figura tão forte como o Nelson Mandela. Uma figura capaz de unificar a oposição, por exemplo, porque a oposição está muito dividida. As pessoas não se entendem, e por vezes não se entendem dentro do próprio partido. Então, no conjunto, não estamos a ver ninguém em Angola capaz de unificar todas as forças da oposição.

Os escritores não podiam jogar um papel fundamental neste processo?

O papel dos escritores, no fundo, pode ser o de ajudar a levantar algum debate em torno de questões relevantes para a sociedade. Não consigo ver muito mais do que isso também. Se nós conseguirmos fazer isso já é muito bom; se um livro conseguir suscitar debate em torno de uma questão que seja importante para o país isso já é bom.

E porque é que esta abordagem tinha de partir necessariamente dos livros e não de uma actuação do próprio escritor enquanto actor social... por exemplo, já ouvimos o Agualusa a criticar uma situação e não precisou de um livro para o fazer...

Mas eu só tenho voz porque tenho livros. Quer dizer, a minha voz é decorrente dos livros. Eu tenho voz porque sou escritor...

Mas os escritores podem usar as suas vozes...

Sem dúvida. Para além dos livros, o escritor pode usar a sua voz, claro!

Pensa haver algum receio por parte dos escritores de virem a ser colados a qualquer tendência

Nós começámos assim a história de Angola, o moderno movimento nacionalista foi procedido por um movimento cultural, por um movimento literário. Primeiro houve a poesia, tivemos os escritores, e depois esses escritores juntaram-se e começaram a ter actuação política, criando movimentos que acabaram por convergir na independência de Angola. Nós até temos uma tradição em Angola de uma literatura participante, activa, e até militante. Eu não sei se o escritor deva ser um militante de partidos políticos. Acho que o escritor terá mais voz, terá mais possibilidade de ser ouvido, se se mantiver fora dos partidos políticos, mas não fora da política. Não fora da política no sentido de que tudo é política. Portanto, se eu faço esta entrevista que estamos a fazer agora, é política também. Não fora da política neste sentido, mas fora dos partidos políticos.

Há tempo fez um repto aos escritores angolanos dizendo que eles tinham de perder o medo.
Sim. O medo na literatura é o pior que tudo. E o medo não é de política, é de tudo. Uma vez dei um, poucas vezes

dei, mas duas ou três vezes dei um curso de escrita criativa e uma das coisas que eu digo aos alunos é que não podem ter medo. E não podem ter medo em primeiro lugar de se exporem. A literatura é exposição. Portanto, quando você está a escrever um livro, não pode ter medo. O medo é o primeiro inimigo de qualquer escritor. Se você tem medo, se vai tentar não escrever isto para não magoar alguém, para não incomodar politicamente alguém, o que quer que seja, é melhor não fazer.

Neste sentido, já se sentiu uma voz incómoda para os políticos angolanos, principalmente para o regime angolano?
Não sei se o regime angolano naquela época... quando comecei a escrever, talvez antes disso, sim, mas, logo após a independência, de facto nós tivemos... Nos primeiros governos que surgiram

havia muitos escritores e havia sobretudo pessoas que liam. A sensação que eu tenho é que o partido no poder, no caso estamos a falar do MPLA, se foi esvaziando intelectualmente ao longo das décadas, e chegou a um ponto em que poucas pessoas liam. Não creio que eu incomodasse muito através dos livros. O que incomodava eram as minhas entrevistas, porque os livros, tenho a sensação que não eram lidos. Você acha que o Presidente José Eduardo dos Santos leu algum livro meu, honestamente?

E acredita que ele terá lido?
Não, não acredito!

João Lourenço até agora não emitiu nenhum sinal de que venha a largar o breve trecho à actual Constituição...
A questão da Constituição é importante. Eu compreendo que João Lourenço tenha enfrentado muitas dificuldades neste primeiro ano para consolidar a sua posição. Portanto, acho que, como todos sabemos, os piores inimigos do João Lourenço não estão fora, não estão nos partidos políticos na oposição, estão dentro do seu próprio partido.

Terá inimigos na verdadeira acepção da palavra?
Com toda a certeza, e não tenho a menor dúvida em relação a isso. Os grandes inimigos do Presidente João Lourenço hoje estão dentro do seu partido, não estão na oposição.

E acredita terem força suficiente para abalarem o poder de João Lourenço?
Alguns deles ainda têm muita força. E, portanto, acho que João Lourenço não acabou de arrumar a casa internamente. Vamos dar mais algum tempo...

O que representaria este arrumar da casa, prender esses inimigos?
Não é função do Presidente João Lourenço prender quem quer que seja. Se mandar prender quem quer que seja estamos a voltar [ao tempo do Presidente José Eduardo dos Santos]. Mas, vamos esperar que ele ainda consiga afastar estas pessoas, que algumas delas ainda têm poder dentro do partido. Primeiro, esta é uma questão interna do MPLA, não tem nada a ver com o aparelho do Estado. Então, não se trata de prender pessoas. Trata-se de politicamente resolver contenciosos internos.



PROPRICASA
104/03 - Sociedade de Mediação Imobiliária Lda.
A Imobiliária que dá a cara!

VENDA

EXCELENTE MORADIA T4 NO MUSSULO

INSERIDA NUM LOTE DE 1.600 M2, COM SALAS AMPLAS DE ESTAR E JANTAR, W.C SOCIAL, 4 SUÍTES COZINHA EXTERIOR COM ÁREA DE SERVIÇO, QUARTOS PARA EMPREGADOS E W.CS, ÁREA TÉCNICA COM GERADOR, TANQUE DE ÁGUA E EQUIPAMENTO DE APOIO, CENTRAL DE TRATAMENTO DE ÁGUA COM RESERVATÓRIO DE 25 MIL LITROS.



+244 943 196 875
+244 923 412 009

WWW.PROPRICASA.COM
PROPRICASA@PROPRICASA.COM
MIGUELRIBEIRO@PROPRICASA.COM
RUA: LUTHER KING, Nº153, MACULUSSO – LUANDA

novo jornal | 18 | SEXTA-FEIRA 29 de Março 2019

Contenciosos internos que têm tido impacto mais do que visíveis na vida política do aparelho do Estado...

Sem dúvidas. Mas passa sempre... tem a ver com o que estávamos a falar mais atrás, tem a ver com o peso do partido no poder dentro do aparelho do Estado. Isso até compreendo, porque o Presidente João Lourenço tem de acabar primeiro de arrumar a casa de onde ele vem, portanto, o partido dele.

O que é que seria prioritário, para si?

Não vou falar sobre isso. Porque não sei se quer. Não sou do MPLA, nunca fui, mas isso salta aos olhos. Qualquer angolano sabe que o Presidente João Lourenço tem inimigos.

O que é que era mais importante ser feito já agora, tirá-los de cena política? E esse peso é mais económico, político ou social?

Acho que você acabou de dizer as três coisas que estão ligadas. Há pessoas aqui que cresceram muito economicamente e evidentemente uma pessoa com grande poder económico tem poder político e depois, ainda por cima, o poder militar está junto em Angola. Por isso é que é difícil. Eu compreendo que é difícil. Para quem queira honestamente democratizar o país, democratizar o seu próprio partido, é uma operação difícil. Exactamente porque os inimigos não estão fora, estão dentro. Portanto, é muito mais fácil se estiverem fora. Porque, quando você entra na sua própria casa e tem lá os inimigos, é muito mais difícil. Portanto, compreendo estas dificuldades [de João Lourenço]. E acho que temos de ter atenção a isso. Não significa que não façamos críticas. Todas as críticas são desejáveis, mas significa que olho para este ano do governo com alguma expectativa e que é preciso dar algum tempo.

Não se corre o risco de João Lourenço adocicar a pílula — a pílula aqui é a Constituição — sonegá-la, e estender-se demasiadamente com esta Constituição que reconhecidamente é um pomo de discórdia?

Corremos todos os riscos. Mas sei que é preciso que, não apenas os partidos políticos, mas o conjunto da sociedade ganhe poder de intervenção. Acho que a sociedade civil em Angola, nestes últimos anos, se tornou mais interventiva, cresceu, amadureceu e perdeu o medo. A minha esperança, na verdade, está mais na sociedade civil do que nos partidos políticos.

E os políticos que não falavam na altura do anterior Presidente e que hoje aparecem como os grandes moralistas?

Os que estão dentro do próprio partido no poder, é o que me está a dizer?

Sim.

Ouça, estamos em democracia, acho que toda a gente tem direito a falar e a dar a sua opinião e temos de ouvir todas as pessoas. Evidentemente, algumas dessas pessoas hoje aparecem a



«A minha esperança está mais na sociedade civil do que nos partidos políticos»

dizer que foram perseguidas no tempo de José Eduardo dos Santos...

Algumas nem isso têm dito... Eram defensores e hoje aparecem a criticar um regime que eles defendiam com unhas e dentes.

Sim... e criticam dizendo que foram perseguidas no anterior regime, não é... mas a gente não percebe muito

bem como foram perseguidas. Mas estas pessoas, quer dizer, o povo não é estúpido. Se falar com as pessoas na rua, percebe que as pessoas brincam com isso, fazem troça. As pessoas não são estúpidas.

Acredita em João Lourenço?

Eu quero continuar a acreditar. Espero não me desiludir.